

INTENÇÕES E MOTIVAÇÕES DE MOBILIDADE INTERNACIONAL DE UMA COMUNIDADE DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Margarida Viegas

mmviegas@ualg.pt

Professora-adjunta de Métodos Quantitativos Aplicados na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve (ESGHT-UAlg). É licenciada em Engenharia de Sistemas Decisionais pelo ISMA-COCITE e pós-graduada em Gestão Financeira pela UAlg e em Direção Estratégica e e-Business pela Universidade de Huelva. Possui mestrado em Estatística e Gestão de Informação pelo ISEGI-Universidade Nova de Lisboa e doutoramento europeu em Gestão e Economia de Pequenas e Médias Empresas pela Universidade de Huelva, que distinguiu a sua tese com a atribuição do *Premio Extraordinario de Doctorado*

Rita Baleiro

rbaleiro@ualg.pt

Doutorada e mestre em Estudos Anglo-Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UNL). É professora-adjunta na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve. É membro integrado do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, colaboradora do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies da UNL e membro do Grupo de Pesquisa Turismo, Espaço e Urbanidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É coeditora da revista *Dos Algarves: A Multidisciplinar e-Journal*, desde 2007.

Resumo

Neste estudo reúnem-se dados sobre a mobilidade de um grupo de estudantes do ensino superior público português com o objetivo de compreender como estes jovens perspetivam o seu futuro profissional e a hipótese de mobilidade internacional laboral e académica, numa época de crise económica e social. A partir dos dados de um inquérito por questionário aplicado a 425 estudantes da Universidade do Algarve, em 2016, analisa-se a sua predisposição para a mobilidade em função das suas perspetivas profissionais, características demográficas e competências linguísticas. Os resultados mostram que a maioria (69.6%) dos inquiridos considera a hipótese de vir a trabalhar no estrangeiro e que esta intenção é motivada pela descrença de vir a alcançar, em Portugal, um trabalho que proporcione estabilidade e segurança, boas condições remuneratórias e prestígio social. Enquanto a possibilidade de efetuar uma experiência académica internacional, considerada por 60.7% dos estudantes, não apresenta associação com a autoavaliação benevolente dos conhecimentos linguísticos, no caso da mobilidade laboral verifica-se que esta predisposição é maior entre aqueles que expressam uma maior confiança no seu domínio da língua inglesa.

Palavras chave

Mobilidade internacional; estudantes; Universidade do Algarve; crise económica; Portugal

Como citar este artigo

Viegas, M, Baleiro, R (2019). "Intenções e motivações de mobilidade internacional de uma comunidade de estudantes da Universidade do Algarve". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 10, N.º 1, Maio-Outubro 2019. Consultado [online] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.10.1.9>

Artigo recebido em 16 de Janeiro de 2018 e aceite para publicação em 22 de Fevereiro de 2019





INTENÇÕES E MOTIVAÇÕES DE MOBILIDADE INTERNACIONAL DE UMA COMUNIDADE DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Margarida Viegas

Rita Baleiro

1. A crise económica e financeira de 2008 e a mobilidade internacional dos estudantes universitários portugueses

No início da primeira década do século XXI, quando os portugueses ponderavam o tema da emigração em Portugal, o mais provável seria concluir que esse tipo de movimento migratório tivera o seu auge nos anos 50 e 60 do século XX e que no primórdio do século XXI o foco da atenção seria exatamente o movimento oposto: o da imigração. De facto, tal como refere Jorge Malheiros numa reflexão sobre este assunto, entre o começo da década de 1990 e os meados do primeiro decénio do século XXI, sucedia que quer para a classe política quer para a academia a emigração portuguesa havia adquirido “um estatuto de quase invisibilidade na abordagem dos fenómenos migratórios” (2011: 133). Tal sucedia pois Portugal beneficiava do estatuto de país economicamente próspero e estável para onde se ambicionava imigrar¹ e não de país de onde se pretendia emigrar.

A crise de 2008 veio todavia alterar este facto e quando, em 2016, realizámos este estudo, em Portugal ainda se sentiam os seus efeitos. De facto, a falência do banco de investimento Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008, desencadeou ao jeito do jogo da queda das peças do dominó o colapso da bolha especulativa no mercado imobiliário, por sua vez, potenciada pela enorme ampliação de crédito bancário e pela criação e aplicação de novos instrumentos financeiros. Em consequência, a suspensão de crédito provocou uma quebra aguda na produção industrial e no comércio internacional. Em Portugal, estes efeitos juntamente com as políticas de austeridade (subida de impostos, de preços, congelamento de ordenados, entre outras), a partir de 2010, levaram à erosão das oportunidades de emprego para todos, mas com impactos particularmente danosos nas camadas jovens, por serem estes os que em maior número estavam a iniciar o percurso profissional (ver Carneiro, Portugal & Varejão, 2014).

Assim, se entre 2008 e 2013, em Portugal, a taxa de desemprego da generalidade da população quase duplicara, passando de 7.6% para 16.2% (ver tabela 1), no grupo etário “menos de 25 anos” registou-se uma alteração de 16.7%, em 2008, para 38.1 % em 2013. Em 2016, ano em que realizámos o nosso estudo, a mesma base de dados estimava que a taxa de desemprego jovem (inferior a 25 anos) era de 28.0%. Ou seja,

¹ Sobre o movimento de imigrantes para Portugal ver J.M. Malheiros & A. Esteves (2013). *Diagnóstico da população imigrante em Portugal: Desafios e potencialidades*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.



houve uma diminuição face aos anos precedentes, tal como aconteceu na zona euro, onde a taxa de desemprego recuou de 22.2% (em 2015) para 20.7% (em 2016).

Tabela 1. Taxa de desemprego em Portugal: Total e por grupo etário (%)

| Anos | Grupos etários | | | |
|------|----------------|------|-------|-------|
| | Total | <25 | 25-54 | 55-64 |
| 2004 | 6.6 | 15.4 | 6.0 | 5.5 |
| 2005 | 7.6 | 16.2 | 7.2 | 6.1 |
| 2006 | 7.6 | 16.5 | 7.3 | 6.3 |
| 2007 | 8.0 | 16.7 | 7.8 | 6.5 |
| 2008 | 7.6 | 16.7 | 7.2 | 6.6 |
| 2009 | 9.4 | 20.3 | 9.2 | 7.6 |
| 2010 | 10.8 | 22.8 | 10.7 | 8.9 |
| 2011 | 12.7 | 30.2 | 11.9 | 10.8 |
| 2012 | 15.5 | 37.9 | 14.7 | 12.7 |
| 2013 | 16.2 | 38.1 | 15.5 | 13.7 |
| 2014 | 13.9 | 34.8 | 12.7 | 13.5 |
| 2015 | 12.4 | 32.0 | 11.2 | 12.4 |
| 2016 | 11.1 | 28.0 | 10.0 | 11.6 |

Fonte: Pordata (última atualização em 22.03.2017).

Sucede que mesmo quando os números do desemprego descem para a generalidade da população, a percentagem de desemprego jovem permanece alta, para além de que a maioria das oportunidades de emprego para os jovens correspondem fundamentalmente a empregos temporários (Silva & Abrantes, 2017: 1336). De facto, as investigações que analisaram o tema da empregabilidade e dos jovens, no caso português, assinalaram que, para além das taxas elevadas de desemprego, há crescentes desigualdades salariais (Carmo, Cantante & Alves, 2014) e muita precariedade (Alves, Cantante, Baptista & Carmo, 2011). Este último estudo realizado pelo Observatório das Desigualdades registou ainda que a precariedade não se circunscreve à questão laboral e afeta as múltiplas dimensões e setores da vida social dos jovens.

Neste quadro nacional, emigraram, entre 2010 e 2016, cerca de 96.000 portugueses por ano (sendo que o pico se registou em 2014, com a saída de 134.624 cidadãos portugueses).² Em função dos dados que recolhemos no portal do Observatório da Emigração (citando dados da Nações Unidas), sabemos que em 2015 a percentagem de emigrantes portugueses a viver na Europa era de 62%, ao passo que em 1990 havia sido de 53%. Para além deste repentino e elevado número de emigrantes, é de notar, tal como refere Jorge Malheiros, que esta vaga é distinta da dos anos 60 e 70 do século passado: (i) a Europa é agora um espaço de emigração diverso, pois é um espaço de livre circulação e (ii) "uma parte substancial desta emigração assume uma lógica temporária e não definitiva, facto que também é favorecido pelas possibilidades de livre circulação." (2011: 135).

² Ver "Estimativas das saídas totais de emigrantes portugueses, 2000-2015" no Observatório da Emigração, consultado em 18 de julho de 2017.



Tal como referimos, esta nossa investigação realizou-se em 2016, o ano em que a maior crise financeira, desde a grande depressão de 1929, ia no seu oitavo ano. Vivia-se um quadro de crise económica e de efeito das consequências da aplicação de medidas de austeridade impostas pela tríade do Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia, e todos estes fatores causaram implicações sérias nas vidas e na perspetiva de vida de muitos jovens licenciados portugueses: desânimo, precaridade laboral e desemprego (Cairns, 2015: 10; Cairns, 2017: 340).

São diversos os estudos que, no início do século XXI, registam o impacto da crise económica na vida dos jovens europeus (ver Cairns, 2017; Papadopoulos, 2014; Dietrich, 2013; Aassve, Cottini & Vitali, 2013; Bell & Blanchflower, 2011; Scarpetta, Sonnet and Manfredi, 2010). De facto, se durante os anos da crise económica, na Europa a taxa global de desemprego aumentou 3.3% entre 2007 e 2013, a percentagem de desemprego jovem sofreu ainda maiores agravamentos, atingindo o valor de 7.3 % na faixa etária 20-24 e 5.1 % na faixa 25-29 (ver OCDE, 2013). Ou seja, no Velho Continente a percentagem de jovens (20-24 anos) desempregados alcançou níveis superiores ao dobro da percentagem global de desemprego. Esta tendência registou-se em diversos países europeus (como, por exemplo, na República da Irlanda, na Grécia, no Chipre, na Espanha). A exceção assinalou-se apenas na Alemanha onde a taxa de desemprego jovem (20-24 anos) desceu 3.3% entre 2007 e 2012 (i.e. de 9.8% para 6.5%) (ver OCDE, 2013). Não obstante o impacto diferenciado da crise, os estudos previamente indicados revelam que na grande maioria dos países a mobilidade laboral internacional após o término das licenciaturas é uma das opções mais frequentes, mesmo que transitória.

Por mobilidade entendemos o movimento geográfico entre fronteiras, para países que não o de origem, com uma estada mínima de duas semanas (Kmiotek-Meier, Carignani & Vysotskaya, 2019: 32). Neste ponto, é também fundamental que reflitamos sobre a distinção entre mobilidade e emigração, para concluir que, na senda de King, Lulle, Morosanu e Williams (2016: 8), se verificou nos últimos anos uma alteração da terminologia, no sentido de se preferir o primeiro termo ao segundo. Esta mudança deve-se ao facto de mobilidade ser um termo politicamente mais neutro ao passo que emigração tem um extenso passado sendo, em muitos países, perspetivada como uma ameaça (King & Lulle, 2016: 30-31), implicando uma deslocação para um país onde se permanece por períodos de tempo mais longos, por vezes até definitivamente, enquanto que a mobilidade se caracteriza por ser um movimento mais transitório. Engbersen e Snel (2013) sugerem o termo "mobilidade líquida" para se referirem a este tipo de deslocações intrafronteiras, na Europa dos 28, que atualmente assume diversas formas (viagens de trabalho, estágios académicos/profissionais, programas de estudos, intercâmbios de vária ordem, entre outras). King, Lulle, Morosanu & Williams (2016: 9) observam uma tendência, na Europa, para a utilização do termo mobilidade quando se descrevem movimentos entre países europeus, pois este espelha melhor o lema da "liberdade de circulação", utilizando-se o termo emigração para indicar deslocações para fora do espaço europeu.

Ainda neste ponto do trabalho cabe clarificar o conceito de juventude que, como as outras categorias relativas à idade (infância, meia-idade ou velhice), é mais uma categoria social e culturalmente construída e menos um conceito definido cronologicamente, já que sobre ele não há unanimidade. Por outras palavras, juventude/jovem é um conceito plástico,



contextual e situacional e acima de tudo relacional, já que se define em relação a (ou à transição entre) outra categoria etária (King, Lulle, Morosanu & Williams, 2016: 9).

Segundo os dados disponíveis na Pordata,³ 2012 registou o número mais elevado de mobilidade jovem, nas idades compreendidas entre os 15-19 anos, os 20-24 e os 25-29. De entre estas, a percentagem mais elevada corresponde à dos 25-29, sendo que a partir de 2012 se verifica uma tendência de diminuição dos números (ver tabela 2).

Tabela 2. Números da mobilidade portuguesa por faixa etária (2008-2015)

| | Total | 15-19 | 20-24 | 25-29 | 30-34 | 35-39 | 40-44 | 45-49 | 50-54 | 55-59 | 60-64 | 65+ |
|-------------|---------------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 2008 | 20.357 | 1.251 | 4.393 | 5.377 | 3.124 | 1.512 | 868 | 237 | 7 | 0 | 0 | 0 |
| 2009 | 16.899 | 1.039 | 3.649 | 4.465 | 2.593 | 1.256 | 720 | 196 | 6 | 0 | 0 | 0 |
| 2010 | 23.760 | 1.460 | 5.127 | 6.276 | 3.644 | 1.765 | 1.013 | 277 | 8 | 0 | 0 | 0 |
| 2011 | 43.998 | 3.277 | 6.237 | 6.097 | 5.075 | 3.952 | 3.044 | 3.032 | 1.520 | 611 | 118 | 553 |
| 2012 | 51.958 | 4.378 | 10.563 | 11.022 | 7.184 | 5.383 | 3.753 | 3.505 | 1.579 | 990 | 248 | 510 |
| 2013 | 53.786 | 2,775 | 9.722 | 8.917 | 6.303 | 5.821 | 5.499 | 4.898 | 3.047 | 1.774 | 942 | 1.827 |
| 2014 | 49.572 | 2.661 | 8.776 | 8.122 | 5.596 | 5.250 | 5.159 | 4.588 | 3.040 | 1.723 | 964 | .776 |
| 2015 | 40.377 | 2.705 | 7.266 | 8.146 | 5.601 | 4.189 | 3.652 | 3.147 | 1.878 | 1.048 | 290 | 356 |

Fonte: Pordata (última atualização em 28.10.2016).

No livro *Regresso ao futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa* (2016), os investigadores registam duas tendências: os que se deslocam para outros países europeus (os mais jovens e os menos escolarizados) e os que o fazem para fora da Europa (os menos jovens e mais qualificados). No mesmo estudo é referido que, genericamente, Angola, Moçambique, Brasil e Reino Unido são destino dos indivíduos mais qualificados e que, em 2015, o Reino Unido foi o país para onde emigraram mais portugueses: 32.3 mil (ver portal do Observatório da Emigração). Já o fluxo para Angola e Moçambique é mais apelativo para profissionais menos jovens e está muito associado a transferências de empregados de empresas portuguesas. Neste mesmo livro, desmente-se que Portugal tenha perdido meio milhão de pessoas para a emigração desde o início da crise, como por vezes referem os meios de comunicação (veja-se Santos, 2016). De facto, apesar de o INE contabilizar 485 128 saídas entre 2011 e 2014, muitas destas deslocações são inferiores a um ano (entre 2011 e 2016, este tipo de saída ascendeu de 56% para 63%). Não obstante este aspeto, bem como o regresso de alguns dos que haviam saído, a verdade é que os anos da crise financeira e económica assistiram a uma inédita saída de recém-licenciados. Foi neste contexto e perante estas evidências que realizámos este estudo.

Estruturámos o artigo em quatro secções. Nesta primeira, que corresponde também à introdução, apresentamos genericamente o contexto europeu e português nos anos da crise económica e financeira, no que respeita aos números do desemprego e da emigração, por ter sido neste período que aplicámos o inquérito por questionário. Ainda neste primeiro momento do artigo, referimos os principais estudos que analisaram os

³ Dados apurados em funções dos números disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).



efeitos da crise económica nos jovens europeus e definimos os conceitos de mobilidade e de juventude. No segundo momento, descrevemos os objetivos do estudo, o desenho da investigação, o instrumento de recolha de dados, o processo e o contexto de aplicação do inquérito por questionário. Posteriormente, apresentamos e comentamos os resultados e na secção quatro destacamos as principais conclusões e limitações deste estudo, bem como propomos possibilidades de investigações futuras.

2. Metodologia

2.1. Os objetivos do estudo

Com este estudo pretendemos analisar as perceções dos alunos da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve (ESGHT-UAAlg), sobre o seu futuro profissional e as suas perspetivas de mobilidade internacional. Circunscrevemo-nos a esta escola por ser aquela com o mais elevado número de estudantes desta universidade pública (aproximadamente 2000 alunos). Assim, são objetivos desta investigação:

- ⇒ analisar as perspetivas profissionais, quer em termos gerais, quer relativamente ao mercado de trabalho nacional, e identificar em que aspetos estas se diferenciam;
- ⇒ averiguar a relação entre os vários aspetos profissionais considerados e a predisposição para a mobilidade laboral internacional;
- ⇒ caracterizar a predisposição para a mobilidade internacional, tanto laboral como académica, de acordo com as características demográficas e as competências linguísticas.

2.2. Desenho da investigação

A investigação realizada teve por base um desenho *ex-post-facto*, descritivo, utilizando-se como método de recolha de dados primários um inquérito por sondagem. O questionário foi elaborado para este estudo e as catorze questões nele incluídas, resultantes da investigação bibliográfica e da consulta de estudos similares, encontram-se agrupadas em quatro seções: perspetivas profissionais; mobilidade internacional (laboral e académica); conhecimentos linguísticos e caracterização demográfica (idade, género, curso, ano).

Relativamente às perspetivas profissionais, são utilizadas duas escalas tipo-Likert com as quais pretendemos aferir quer a importância que, em termos gerais, os inquiridos atribuem a determinados aspetos da vida profissional (1 - nada importante a 5 - extremamente importante), quer a classificação que lhes atribuem na perspetiva de um futuro trabalho em Portugal (1 - muito mau a 5 - muito bom). Os aspetos considerados são: oportunidades de emprego; estabilidade e segurança; condições remuneratórias; possibilidade de progredir na carreira; boa relação com colegas e superiores; flexibilidade de horário; trabalho que salvaguarde a saúde e o bem-estar; trabalho com prestígio social.

Na secção relativa à mobilidade internacional os inquiridos deveriam indicar se já estudaram ou consideram vir a estudar no estrangeiro (mobilidade académica internacional), bem como se ponderavam a hipótese de vir a trabalhar no estrangeiro



(mobilidade laboral internacional). Em caso afirmativo deveriam hierarquizar os três países preferidos e em caso negativo deveriam indicar a influência que os recentes ataques terroristas, em cidades europeias, poderiam ter nessa decisão (nenhuma, pouca, muita). Solicitava-se ainda que identificassem familiares com experiência de emigração (atual ou passada), que associassem uma palavra ao vocábulo "emigração" e que expressassem o seu nível de concordância com a afirmação "Daqui a dois anos a crise terá terminado e a situação de emprego em Portugal será melhor do que hoje", (1 - discordo completamente a 5 - concordo completamente).

Quanto aos conhecimentos linguísticos, solicitava-se aos inquiridos que indicassem o número de reprovações a unidades curriculares de línguas e a classificação obtida nas que concluíram. Deveriam ainda autoavaliar os conhecimentos de inglês, alemão e espanhol (insuficientes, suficientes, bons ou excelentes) e indicar a realização de algum exame de certificação de língua inglesa.

2.3. Recolha de dados e caracterização da amostra

Como referimos, a população alvo foram os alunos da ESGHT-UAAlg. Esta instituição localiza-se em Faro, capital de distrito da província do Algarve: a província mais a sul de Portugal e a região mais turística do país. A Universidade, uma das catorze universidades públicas portuguesas, nasce em 1979 e reúne duas instituições pré-existentes: a Universidade do Algarve e o Instituto Politécnico de Faro.

O questionário foi aplicado a uma amostra não probabilística, de conveniência, a 425 estudantes dos três anos das licenciaturas da ESGHT-UAAlg (Gestão, Turismo, Marketing e Gestão Hoteleira) (ver tabela 3). A aplicação decorreu em situação de sala de aula em dois momentos distintos: em janeiro 2016 e em junho 2016. Os dados recolhidos foram verificados individualmente e analisados através do programa SPSS vs. 23.

Tabela 3. Distribuição dos alunos inquiridos por licenciatura e por ano da licenciatura

| Curso | Total de alunos inquiridos | | Alunos / Ano | | |
|------------------|----------------------------|----------|--------------|--------|--------|
| | N.º Alunos | % Alunos | 1.º | 2.º | 3.º |
| Gestão | 143 | 33.6 | 33.3% | 26.92% | 44.71% |
| Turismo | 121 | 28.5 | 31.43% | 33.08% | 14.12% |
| Marketing | 72 | 16.9 | 13.81% | 21.54% | 17.65% |
| Gestão Hoteleira | 89 | 20.9 | 21.43% | 18.46% | 23.53% |

3. Apresentação dos resultados⁴

3.1. Caracterização dos alunos inquiridos

A idade média dos alunos inquiridos é de 22 anos, não se registando diferenças significativas entre os vários cursos (tabela 4). Para os primeiros anos, a idade média é, para todos os cursos, de 21 anos e para os segundos é de 22 anos em Gestão e Turismo e de 21 em Marketing e Gestão Hoteleira. Não se regista igualmente a existência de

⁴ Todos os testes apresentados são realizados com um nível de significância de 5%.



diferenças significativas em ambos os casos (testes de Kruskal-Wallis com $p=0.51$ e 0.50 , respetivamente).

Tabela 4. Idade média por curso

| Curso | Idade média | Kruskall-Wallis | |
|------------------|-------------|-----------------|------|
| | | X ² | p |
| Gestão | 22 | 6.13 | 0.11 |
| Turismo | 22 | | |
| Marketing | 21 | | |
| Gestão Hoteleira | 21 | | |

Quanto aos terceiros anos, os alunos da licenciatura em Gestão apresentam uma idade média acima da média global e significativamente superior à dos cursos de Turismo e Gestão Hoteleira (tabela 5).

Tabela 5. Idade média por 3.º ano do curso

| Curso (3.º ano) ($\bar{x}=24$) | Idade média | Kruskall-Wallis | | LSD |
|-------------------------------------|-------------|-----------------|------|------------------|
| | | X ² | p | |
| Gestão | 25 | 9.96 | 0.02 | Gestão ≠ Tur; GH |
| Turismo | 22 | | | |
| Marketing | 24 | | | |
| Gestão Hoteleira | 23 | | | |

Apesar de fraca (V de Crámer=0.2), há uma associação entre o género dos estudantes e a licenciatura frequentada ($\text{Chi-square}=17.68$; $p=0.001$), destacando-se o curso de Gestão por ser o único a apresentar uma maioria de alunos do género masculino. Todas as restantes licenciaturas são maioritariamente frequentadas por estudantes femininas, registando-se a percentagem mais elevada no curso de Turismo (ver tabela 6).

Tabela 6. Distribuição dos alunos inquiridos por licenciatura e por género

| Curso | Género | % |
|------------------|-----------|-------|
| Gestão | Feminino | 45.5% |
| | Masculino | 54.5% |
| Turismo | Feminino | 69.2% |
| | Masculino | 30.8% |
| Marketing | Feminino | 65.3% |
| | Masculino | 34.7% |
| Gestão Hoteleira | Feminino | 52.8% |
| | Masculino | 47.2% |

3.2. Perspetiva profissional e predisposição para a mobilidade laboral internacional



No contexto da sua vida profissional futura, os fatores mais valorizados pelos alunos, quer em termos globais quer em cada um dos cursos, são as oportunidades de emprego e a possibilidade de progredir na carreira, seguidas pela estabilidade e segurança e, só em quarto lugar, pelas condições remuneratórias. Os mesmos aspetos, quando avaliados na perspetiva da vida profissional em Portugal, apresentam todos valores significativamente inferiores. Entre eles, os mais bem classificados dizem respeito à boa relação com colegas /superiores e à salvaguarda da saúde e do bem-estar (tabela 7).

Tabela 7. Valorização de aspetos profissionais

| Perspetiva vida profissional futura | Valores médios | | Teste t amostras emparelhadas | |
|--|--------------------------|--------------------|-------------------------------|------|
| | Geral (4.41) | Portugal (3.24) | t | p |
| | Oportunidades de emprego | 4.54 | | |
| Estabilidade e segurança | 4.29 | 3.30 | 17.44 | 0.00 |
| Condições remuneratórias | 4.21 | 2.97 | 20.49 | 0.00 |
| Possibilidade de progredir na carreira | 4.43 | 3.13 | 23.12 | 0.00 |
| Boa relação com colegas e superiores | 4.19 | 3.70 | 10.93 | 0.00 |
| Flexibilidade de horário | 3.69 | 3.17 | 10.61 | 0.00 |
| Trabalho que salvaguarde a saúde e o bem-estar | 4.17 | 3.49 | 13.68 | 0.00 |
| Trabalho com prestígio social | 3.30 | 2.96 | 6.99 | 0.00 |

Ao passo que nenhum destes aspetos, quando avaliados na perspetiva do futuro profissional, apresenta associação com a predisposição para a mobilidade laboral internacional, o mesmo não acontece quando são concretizados relativamente a um futuro profissional em Portugal. Nesta perspetiva, deteta-se a existência de relações de dependência entre aquela predisposição e a avaliação dos aspetos "Estabilidade e segurança", "Condições remuneratórias e "Trabalho com prestígio social" (respetivamente: $X^2=10.81$, $p=0.03$; $X^2=14.64$, $p=0.06$; $X^2=12.95$, $p=0.01$), verificando-se que, quanto mais baixa é a classificação que os inquiridos lhes atribuem, maior é a percentagem dos que dizem ponderar a possibilidade de vir a trabalhar no estrangeiro.

Apesar de não se registar a existência de associação entre a possibilidade de mobilidade e o género dos alunos, constata-se que, ao contrário dos resultados encontrados por Cairns (2017), em que apenas 35% dos estudantes portugueses afirmam querer sair do país, a maioria (69.6%) dos nossos inquiridos consideram essa possibilidade, facto que se observa tanto para as raparigas (66.8%), como para os rapazes (73.2%). Já no estudo de Cairns (2017: 342), são as estudantes do género feminino quem mais consideram a mobilidade internacional (57% versus 43%).

Analisando a predisposição para a mobilidade laboral internacional de acordo com as idades dos estudantes, verifica-se que esta é maior nos alunos mais jovens (tabela 8).

Tabela 8. Mobilidade laboral por idade

| | |
|--|--|
| Faixas etárias ($X^2=8.73$; $p=0.00$) | Possibilidade de trabalhar no estrangeiro |
|--|--|



| | Sim | Não |
|-----------|------------|------------|
| < 25 anos | 71.7% | 28.3% |
| ≥ 25 anos | 51% | 49% |

(% linha)

Mais concretamente, é naqueles que se encontram entre os 20 e os 24 anos que esta predisposição é mais expressiva, sendo esta a faixa etária que, de acordo com a OCDE (2013), sofreu o maior agravamento na taxa de desemprego entre 2007 e 2013 (tabela 9).

Tabela 9. Mobilidade laboral por faixas etárias

| Faixas etárias ($X^2=9.80$; $p=0.02$) | Possibilidade de trabalhar no estrangeiro | |
|--|--|------------|
| | Sim | Não |
| < 20 anos | 69.7% | 30.3% |
| 20-24 anos | 74.8% | 25.2% |
| 25-29 anos | 51.9% | 48.1% |
| > 29 anos | 50% | 50% |

(% linha)

Apesar de, em todos os cursos, a maioria dos alunos indicar que pondera a possibilidade de vir a trabalhar no estrangeiro, a aplicação do teste Chi-quadrado indica que estas variáveis não são independentes. Não obstante a associação entre elas ser fraca (V de Crámer=0.23), pode concluir-se que os alunos de Gestão indicam uma menor predisposição para uma experiência laboral internacional, pois são os que registam uma maioria menos expressiva (tabela 10). A esta situação poderá não ser alheio o facto de este ser o curso da ESGHT que, de acordo com dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016), regista o menor nível de desemprego (5.5%).

Tabela 10. Mobilidade laboral por curso

| Curso ($X^2=22.30$; $p=0.00$) | Possibilidade de trabalhar no estrangeiro | |
|--|--|------------|
| | Sim | Não |
| Gestão | 56.7% | 43.3% |
| Turismo | 80.2% | 19.8% |
| Marketing | 64.8% | 35.2% |
| Gestão Hoteleira | 79.5% | 20.5% |

(% linha)

Quer para estes cursos, quer para a generalidade dos alunos inquiridos, os países preferenciais são o Reino Unido (32.8%), os EUA (12.3%) e a Alemanha (10.6%), países não tão fortemente afetados pela crise económica de 2008, similarmente ao constatado por Cairns (2017: 344). Face a estes países, e de acordo com a tipologia apresentada



por Hemming, Schlimbach, Tilmann, Nienaber, Roman e Skrobanek (2019: 49), Portugal classifica-se como um país “beneficiário da mobilidade”, apresentando uma reduzida capacidade de produção de capital humano⁵ mas beneficiando largamente do desenvolvimento desse capital nos jovens que experienciam mobilidade.

Confrontando os resultados com os referidos por Cairns (2017: 343), verificamos que os nossos inquiridos, ao ponderarem o país de destino preferencial, aparentam dar uma menor importância ao facto de nele se falar inglês (54.0%), valor bastante inferior ao indicado pelo autor acima referido (87%).

Uma das questões do questionário requeria aos alunos que associassem, livremente, um vocábulo à palavra “emigração”. Todas as palavras que os alunos registaram são positivas: “oportunidade” (22.6%), “trabalho” (8.4%) e “vida melhor” (8.1%), o que pode ser entendido como sinal de uma postura otimista face à perspectiva de sair de Portugal.

Dos 128 (30.1%) alunos que não consideram a possibilidade de vir a trabalhar no estrangeiro, a maioria são do género feminino (62.5%), têm menos de 25 anos (81.3%) e frequentam, na sua maior parte (47.7%), o curso de Gestão. A preocupação com os recentes atentados terroristas não é um fator relevante para esta opção pois a esmagadora maioria (82%) afirma ser este um fator com pouca ou nenhuma influência.

Quando questionados sobre a sua concordância com a afirmação “Daqui a dois anos a crise terá terminado e a situação de emprego em Portugal será melhor do que hoje”, verifica-se que apenas 17% dos alunos acreditam que a situação de crise e desemprego virá a resolver-se num futuro próximo, resultado inferior aos 21.6% obtidos por Lobo, Ferreira e Rowland (2015), para os residentes em Portugal acima dos 15 anos.

3.3. Predisposição para a mobilidade académica internacional

A área dos Estudos sobre Migrações ocupa-se da análise da circulação transfronteiriça de jovens que frequentam ou frequentaram, recentemente, o ensino superior. Dentro desta cabe o campo de investigação em Mobilidade Internacional de Estudantes (MIE), que analisa as deslocações dos jovens, quer para estudar numa universidade estrangeira quer para realizar um estágio fora do seu país. De um modo geral esta mobilidade é realizada ao abrigo de programas de mobilidade europeus como por exemplo o Erasmus da Comissão Europeia (ver Gonzalez, Mesanza & Mariel, 2011 e Oborune, 2013, por exemplo). Um outro foco de análise das investigações em MIE são aqueles estudantes que optam por estudar fora do país por períodos de tempo mais longos dos que possibilitam os programas das agências europeias. Nestes casos, os estudantes contam com a ajuda dos pais e/ou da família mais próxima ou viajam financiados por si mesmos já que frequentemente optam por trabalhar antes de estudar no estrangeiro (ver por exemplo Altbach & Knight, 2007 e Smith, Rérat & Sage, 2014).

De acordo com o relatório da International Organisation for Migration (2018), a mobilidade académica internacional dos estudantes aumentou globalmente de cerca de 3.9 milhões em 2011 para 4.8 milhões em 2017.

⁵ Hemming, Schlimbach, Tilmann, Nienaber, Roman e Skrobanek (2019: 46) definem capital humano como um conjunto de competências que contribuem para a produtividade laboral e no qual os indivíduos podem investir.



No caso do presente estudo constata-se que a maioria (60.67%) dos alunos inquiridos considera a possibilidade de vir a estudar no estrangeiro, o mesmo se verificando em cada um dos cursos. Apesar da fraca associação (V de Crámer=0.16), o teste Chi-quadrado indica, todavia, que a predisposição a estudar no estrangeiro não é independente do curso, verificando-se que os alunos de Gestão são os que se apresentam menos propensos a encarar uma experiência estudantil internacional (tabela 11); o mesmo sucedendo com os alunos da faixa etária mais elevada (tabela 12).

Tabela 11. Mobilidade estudantil por curso

| Cursos ($X^2=11.00$; $p=0.01$) | Possibilidade de estudar no estrangeiro | |
|---|--|------------|
| | Sim | Não |
| Gestão | 50.7% | 49.3% |
| Turismo | 61.0% | 39.0% |
| Marketing | 68.6% | 31.4% |
| Gestão Hoteleira | 70.1% | 29.9% |

(% linha)

Tabela 12. Mobilidade estudantil por idade

| Faixas etárias ($X^2=6.10$; $p=0.01$) | Possibilidade de estudar no estrangeiro | |
|--|--|------------|
| | Sim | Não |
| < 25 anos | 63.1% | 36.9% |
| ≥ 25 anos | 45,1% | 54.9% |

(% linha)

Embora com fraca associação ($\Phi=0,25$), observa-se ainda que, dos alunos que afirmaram considerar a possibilidade de vir a trabalhar no estrangeiro, a maioria (68.5%) também pondera a possibilidade de estudar além-fronteiras (tabela 13).

Tabela 13. Mobilidade estudantil/profissional

| Trabalhar no estrangeiro ($X^2=24.91$; $p=0.00$) | Estudar no estrangeiro | |
|---|-------------------------------|------------|
| | Sim | Não |
| Sim | 68.5% | 31.5% |
| Não | 42.5% | 57.5% |

(% linha)

3.4. A mobilidade internacional e as línguas

Relativamente à autoavaliação que os estudantes fazem dos seus conhecimentos em Línguas, verifica-se que somente no Inglês se regista uma maioria (70.5%) de avaliações



nos níveis bom e excelente, sendo essas percentagens de 44.3% e 3.6% no caso do Espanhol e do Alemão (tabela 14).

Tabela 14. Autoavaliação de conhecimentos de Inglês, Alemão e Espanhol

| Autoavaliação conhecimentos | Inglês | Alemão | Espanhol |
|------------------------------------|---------------|---------------|-----------------|
| Insuficientes | 5% | 78.2% | 13.8% |
| Suficientes | 24.5% | 18.2% | 41.9% |
| Bons | 48.0% | 3.6% | 34.8% |
| Excelentes | 22.5% | 0.0% | 9.5% |

(% coluna)

Analisando por curso as autoavaliações efetuadas em cada uma das línguas, observa-se, para o inglês e o alemão, a existência de uma associação, embora fraca, entre estas duas variáveis (coeficiente de contingência, respetivamente, de 0.23 e 0.37). No caso do inglês, a maior parte das avaliações posiciona-se no bom, registando-se uma maior percentagem de bons e excelentes nos cursos de Gestão Hoteleira e Turismo (tabela 15).

Tabela 15. Autoavaliação conhecimentos linguísticos de Inglês por Curso

| Curso | Autoavaliação conhecimentos <u>Inglês</u> | | | |
|------------------|--|-------------|-------|------------|
| | Insuficientes | Suficientes | Bons | Excelentes |
| Gestão | 6.3% | 33.8% | 47.2% | 12.7% |
| Turismo | 6.7% | 17.6% | 46.2% | 29.4% |
| Marketing | 2.8% | 25.0% | 43.1% | 29.2% |
| Gestão Hoteleira | 2.3% | 18.2% | 55.7% | 23.9% |

(% linha)

O alemão não regista qualquer avaliação como excelente, classificando-se a maioria no insuficiente. Mais uma vez, é nos cursos acima referidos que se encontram os melhores resultados (tabela 16).

Tabela 16. Autoavaliação a Alemão por Curso

| Curso | Auto-avaliação conhecimentos <u>Alemão</u> | | |
|------------------|---|-------------|------|
| | Insuficientes | Suficientes | Bons |
| Gestão | 92.1% | 5.7% | 2.1% |
| Turismo | 59.7% | 31.9% | 8.4% |
| Marketing | 95.8% | 2.8% | 1.4% |
| Gestão Hoteleira | 67.0% | 31.8% | 1.1% |

(% linha)



Quanto às reprovações às disciplinas de Línguas, verifica-se que a grande maioria (79.4%) dos alunos inquiridos, quer em termos globais (tabela 17), quer em cada um dos cursos (tabela 18), nunca reprovou.

Tabela 17. Reprovações a unidades curriculares de Línguas

| Unidades curriculares de Línguas | |
|---|-------|
| Nunca reprovou | 79.4% |
| Reprovou 1 vez | 10.6% |
| Reprovou 2 vezes | 5% |
| Reprovou mais de 2 vezes | 5% |

(% coluna)

Apesar de ser fraca a associação entre o curso e o número de reprovações (Coef. Contingência=0.29), a aplicação do teste Chi-quadrado indica que as variáveis não são independentes o que nos leva a concluir, com base na tabela de contingência abaixo (tabela 18), que é nos cursos de Turismo e Gestão Hoteleira que se regista uma maior frequência de duas ou mais reprovações.

Tabela 18. Reprovações a Línguas por Curso

| Curso ($X^2=17.73$; $p=0.04$) | Situação relativamente às disciplinas de Línguas | | | |
|--|---|-----------------------|-------------------------|---------------------------------|
| | Nunca reprovou | Reprovou 1 vez | Reprovou 2 vezes | Reprovou mais de 2 vezes |
| Gestão | 89.9% | 7.2% | 1.4% | 1.4% |
| Turismo | 74.5% | 12.7% | 7.3% | 5.5% |
| Marketing | 87.5% | 9.4% | 0.0% | 3.1% |
| Gestão Hoteleira | 62.8% | 14.0% | 11.6% | 11.6% |

(% linha)

A esmagadora maioria (91%) dos alunos declara nunca ter realizado nenhum exame de certificação de língua inglesa. Apesar da existência desta certificação ser independente do curso frequentado ($X^2=4.29$; $p=0.23$), observa-se que é entre os alunos de Gestão Hoteleira que se regista maior percentagem de certificações (tabela 19).

Tabela 19. Certificações de Língua inglesa

| Cursos | Certificação língua inglesa | |
|------------------|------------------------------------|------------|
| | Não | Sim |
| Gestão | 92.1% | 7.9% |
| Turismo | 92.4% | 7.6% |
| Marketing | 93.1% | 6.9% |
| Gestão Hoteleira | 85.4% | 14.6% |

(% linha)



Analisando a relação entre a predisposição para a mobilidade laboral internacional e as línguas, foi detetada a existência de associação, embora fraca ($\Phi=0.18$), unicamente para a autoavaliação à língua inglesa, observando-se uma maior predisposição para esta experiência entre os alunos que melhor avaliam os seus conhecimentos nesta língua (tabela 20).

Tabela 20. Mobilidade laboral / Auto-avaliação Inglês

| Auto-avaliação a inglês ($X^2=24.44$; $p=0.00$) | Possibilidade de trabalhar no estrangeiro | |
|---|--|------|
| | Sim | Não |
| Insuficiente-Suficiente | 52.4 | 47.6 |
| Bom-Excelente | 76.8 | 23.2 |

(% linha)

Quanto à mobilidade estudantil internacional, não foi detetada a existência de associação entre a predisposição para estudar no estrangeiro e a confiança dos alunos nas suas competências linguísticas, para nenhuma das línguas consideradas (Inglês: $X^2=4.13$; $p=0.25$; Alemão: $X^2=0.09$; $p=0.96$; Espanhol: $X^2=1.34$; $p=0.72$).

4. Conclusões

Os aspetos do trabalho mais valorizados pelos estudantes inquiridos, tanto em termos globais como em cada um dos cursos, são as "oportunidades de emprego" e a "possibilidade de progredir na carreira", seguidas pela "estabilidade e segurança" e, só em quarto lugar, pelas "condições remuneratórias".

Os mesmos aspetos, quando avaliados na perspetiva de um futuro profissional em Portugal, apresentam todos valores significativamente inferiores. Entre eles, os mais bem classificados dizem respeito à "boa relação com colegas /superiores" e à "salvaguarda da saúde e do bem-estar" não se encontrando estes, no entanto, entre os aspetos de maior importância para os nossos inquiridos.

Apesar de, relativamente ao mercado de trabalho nacional, todos os aspetos serem pior classificados, apenas a baixa expectativa relativa aos fatores "estabilidade e segurança", "condições remuneratórias" e "trabalho com prestígio social", tem influência na predisposição para a mobilidade laboral internacional.

Ao contrário dos resultados encontrados por Cairns (2017), a maioria (69.6%) dos estudantes inquiridos afirma considerar a possibilidade de vir a trabalhar no estrangeiro, facto que se observa tanto para as raparigas (66.8%), como para os rapazes (73.2%) e sendo esta predisposição superior naqueles que se encontram entre os 20 e os 24 anos, precisamente a faixa etária que, de acordo com a OCDE (2013), sofreu o maior agravamento na taxa de desemprego entre 2007 e 2013. Dos destinos citados como preferenciais, a maioria (54%) é de língua inglesa, surgindo em primeiro lugar o Reino Unido. A esta preferência poderá não ser alheio o facto de esta ser a única língua em que se regista uma maioria (70.5%), de avaliações nos níveis bom e excelente.



Considerando o facto de que os principais vocábulos, associados à palavra emigração, têm uma conotação positiva (“oportunidade”, “trabalho”, “vida melhor”), e tendo em conta que as palavras que escolhemos são esclarecedoras da visão que detemos sobre dada realidade, é possível concluir que, para os estudantes inquiridos, a perspetiva da mobilidade é fundamentalmente positiva e promissora de quase tudo aquilo que um jovem deseja quando termina uma licenciatura: uma oportunidade para arranjar um trabalho que lhe proporcione uma vida melhor.

O mesmo otimismo não se manifesta quando questionados relativamente à evolução do emprego em Portugal, sendo apenas 17% dos inquiridos a perspetivar uma evolução positiva para os próximos dois anos, resultado inferior aos 21.6% obtidos por Lobo, Ferreira e Rowland (2015), para os residentes em Portugal acima dos 15 anos.

Para os alunos que não consideram a possibilidade de vir a trabalhar no estrangeiro (30.1%), a preocupação com os recentes atentados terroristas não é um fator relevante, pois a esmagadora maioria (82%) afirmou ser este um fator com pouca ou nenhuma influência nessa decisão.

Tal como se verifica relativamente à mobilidade laboral, a maioria (60.67%) dos alunos inquiridos considera a possibilidade de vir a estudar no estrangeiro, sendo igualmente nos alunos mais velhos (25 ou mais anos) e no curso de Gestão que se verifica uma menor apetência por este tipo de experiência estudantil. Apesar de fraca, regista-se uma associação entre estes dois tipos de mobilidade sendo que, dos alunos que ponderam uma experiência profissional internacional, a maioria (68.5%) considera igualmente a possibilidade de estudar no estrangeiro. Ao passo que a predisposição para uma experiência académica internacional não apresenta qualquer relação com os conhecimentos linguísticos dos alunos, no caso da mobilidade laboral verifica-se que esta predisposição é maior entre os alunos que expressam uma maior confiança no seu domínio da língua inglesa.

Apesar de a maioria dos nossos inquiridos demonstrar predisposição para a mobilidade internacional laboral e académica, de acordo com Kmiotek-Meier, Carignani e Vysotskaya (2019: 32), muitos jovens europeus estão ainda relutantes em realizar este tipo de experiência quer seja para fins académicos ou profissionais. Na verdade, apesar de, no contexto europeu, a mobilidade poder ser entendida como um instrumento para ultrapassar desigualdades e para garantir os objetivos de coesão social e territorial da União Europeia (Hemming, Schlimbach, Tilmann, Nienaber, Roman & Skrobanek, 2019: 45), há autores que alertam para o facto de, pelo contrário, a mobilidade contribuir potencialmente para a manutenção das desigualdades, pois o indivíduo que se desloca encontra-se muitas vezes numa posição de desvantagem devido, por exemplo, à desvalorização das suas competências académicas (Bilecen & Van Mol, 2017: 1246).

Apesar da natureza essencialmente exploratória e descritiva do presente estudo, consideramos que este pode contribuir para um melhor conhecimento das expectativas profissionais dos estudantes universitários e das suas perspetivas de mobilidade internacional.

Dada a natureza não probabilística da amostra utilizada, o estudo apresenta limitações no que se refere à leitura dos resultados, que não devem ser extrapolados fora do contexto em análise. A ampliação do estudo a outras unidades de ensino, e com recurso



à amostragem aleatória, permitiria uma leitura generalizável a todos os jovens universitários portugueses. A segunda limitação a destacar diz respeito à utilização de dados de corte transversal, o que inviabiliza analisar a evolução das variáveis consideradas. Dada a sua natureza dinâmica, e as alterações entretanto ocorridas no quadro socioeconómico nacional, teria especial interesse aprofundar a investigação numa perspetiva longitudinal.

No entanto, esta investigação permite oferecer dados que poderão servir como ponto de partida para a realização de estudos nos quais se avalie a relação entre a decisão de mobilidade profissional, e/ou académica, internacional e o conhecimento/domínio de línguas estrangeiras.

Referências bibliográficas

- Aassve, A., Cottini, E. & Vitali, A. (2013). Youth prospects in a time of economic recession. *Demographic Research*, 29: 949–962.
- Altbach, P. G., & Knight, J. (2007). The internationalization of higher education: Motivations and realities. *Journal of Studies in International Education*, 11: 290–305.
- Alves, N.A., Cantante, F., Baptista, I. & Carmo, R.M. (2011). *Jovens em transições precárias. Trabalho, quotidiano e futuro*. Lisboa: Editora Mundos Sociais / CIES-IUL.
- Bell, D.N.F. & Blanchflower, D.G. (2011). Young people and the Great Recession. *Oxford Review of Economic Policy*, 27(2): 241–267.
- Bilecen, B. & Van Mol, C. (2017). Introduction: International academic mobility and inequalities. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43(8): 1241-1255.
- Cairns, D. (2015). International student mobility in crisis? Understanding post-diploma mobility decisionmaking in an economic crisis context. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 79: 9-25.
- Cairns, D. (2017). Exploring student mobility and graduate migration: Undergraduate mobility propensities in two economic crisis contexts. *Social & Cultural Geography*, 18(3): 336-353.
- Carmo, R. M., Cantante, F. & Alves, N.A. (2014). Time projections: Youth and precarious employment. *Time & Society*, 23(3): 337–357.
- Carmo, R. M. & Cantante, F. (2014). Desigualdades, redistribuição e o impacto do desemprego: Tendências recentes e efeitos da crise económico-financeira. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 77: 33–51.
- Carneiro, A., Portugal, P. & Varejão, J. (2014). Catastrophic job destruction during the Portuguese economic crisis. *Journal of Macroeconomics*, 39: 444–457.
- Dietrich, H. (2013). Youth unemployment in the period 2001-2010 and the European crisis: Looking at the empirical evidence. *European Review of Labour and Research*, 19(3): 305-324.
- Engbersen, G. & Snel, E. (2013). Liquid migration: Dynamic and fluid patterns of post-accession migration flows. In B. Glorius, I. Grabowska-Lusinska e A. Kuvik (Eds.). *Mobility in Transition: Migration Patterns after EU Enlargement*. Amsterdão: Amsterdam University Press, 21–40.



International Organisation for Migration (2018). *Global Mobility Indicators*. Berlin: Global Migration Data Analysis Centre [Consultado em fevereiro 2019]. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/pdf/global_migration_indicators_2018.pdf

Gonzalez, C. R., Mesanza, R. B. & Mariel, P. (2011). The determinants of international student mobility flows: An empirical study on the Erasmus programme. *Higher Education*, 63: 412-430.

Hemming, K., Schlimbach, T., Tilmann, F., Nienaber, B., Roman, M. & Skrobanek, J. (2019). Structural framework conditions and individual motivations for youth mobility: A macro-micro level approach for different European country-types. *Migration Letters*, 16(1): 45-59.

King, R. & Lulle, A. (2016). *Research on Migration: Facing Realities and Maximising Opportunities*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.

King, R., Lulle, A., Morosanu, L. & Williams, A. (2016). *International Youth Mobility and Life Transitions in Europe: Questions, Definitions, Typologies and Theoretical Approaches*, Working paper 86, University of Sussex, Sussex Centre for Migration Research [Consultado em fevereiro 2019]. Disponível em <http://sro.sussex.ac.uk/id/eprint/61441/1/mwp86.pdf>

Kmiotek-Meier, E., Carignani, S. & Vysotskaya, V. (2019). Why is it so hard? And for whom? Obstacles to intra-European mobility. *Migration Letters*, 16(1): 31-44.

Lobo, M. C., Ferreira, V. S. & Rowland, J. (2015, 7 de maio). Emprego, mobilidade, política e lazer: Situações e atitudes dos jovens numa perspectiva comparada. [Relatório Apresentado à Presidência da República]. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa/ OPJ. Observatório Português da Juventude. [Consultado em setembro 2017]. Disponível em http://www.igfse.pt/upload/docs/2015/RoteirosdoFuturo_EstudoJovens2015.pdf

Malheiros, J. (2011). Portugal 2010: O regresso do país de emigração? *JANUS.NET: e-Journal of International Relations*, 2: 133-142.

Oborune, K. (2013). Becoming more European after Erasmus? The impact of the Erasmus programme on political and cultural identity. *Epiphany*, 6: 182-202.

OCDE (2013). *OECD Employment outlook 2013*. Paris: OECD Publishing.

Papadopoulos, O. (2014). Youth unemployment discourses in Greece and Ireland before and during the economic crisis: Moving from divergence to 'contingent convergence'. *Economic and Industrial Democracy*, 37(3): 1-23.

Peixoto, J., Oliveira, I.T., Azevedo, J., Marques, J.C., Góis, P., Malheiros, J. & Madeira, P.M. (Orgs.) (2016). *Regresso ao futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa*. Lisboa: Gradiva.

Santos, N. (2016, 8 de fevereiro). Como a emigração está a tramar o PIB. *Expresso online*. [Consultado em novembro 2017]. Disponível em http://expresso.sapo.pt/blogues/blogue_keynesiano_gracas_a_deus/2016-02-08-Como-a-emigracao-esta-a-tramar-o-PIB.

Scarpetta, S., Sonnet, A. & Manfredi, T. (2010). Rising youth unemployment during the crisis: how to prevent negative long-term consequences on a generation? OECD Social, Employment and Migration Working Papers, 106, Paris, OECD.



Silva, S. M. & Abrantes, P. (2017). Growing up in Europe's backyard: Researching on education and youth in Portuguese poor suburban settings. In William T. Pink e George W. Noblit (Eds.). *Second International Handbook of Urban Education*. Londres & Berlim: Springer, 1335-1349.

Smith, D., Rérat, P., & Sage, J. (2014). Youth migration and spaces of education. *Children's Geographies*, 12: 1-8.